

Baralho Fonológico: um jogo inclusivo para crianças com Dislexia

Phonological deck: an inclusive game for children with dyslexia

Barajo fonológico: un juego inclusivo para niños con dislexia

Caroline Taís Link

Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul
Campus Cerro Largo (UFFS), RS, Brasil.

<https://orcid.org/0009-0003-4581-6855> ; E-mail: caroline.link@estudante.uffs.edu.br

Jeize de Fátima Batista

Doutora em Letras e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul
Campus Cerro Largo (UFFS), RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-1301-050X> ; E-mail: jeize.batista@uffs.edu.br

Cleusa Inês Ziesmann

Doutora em Educação e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul
Campus Cerro Largo (UFFS), RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-7114-5432> ; E-mail: cleusa.ziesmann@uffs.edu.br

Ana Cecília Teixeira Gonçalves

Doutora em Letras e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul
Campus Cerro Largo (UFFS), RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-4262-4578> ; E-mail: acgteixeira@uffs.edu.br

RESUMO

O presente estudo parte da necessidade de desenvolver abordagens lúdicas acessíveis para a estimulação da consciência fonológica em crianças com dislexia, considerando contribuições teóricas relevantes sobre aprendizagem e leitura, como as de Castrillon (2013), Condemarin (1986), Dehaene (2012), Petrossi (2004) e Sampaio (2011). Teve como objetivo desenvolver, aplicar e analisar a eficácia de um jogo físico educativo, fundamentado em princípios da fonoaudiologia, voltado ao estímulo das habilidades fonológicas e à promoção de uma aprendizagem inclusiva e significativa. A pesquisa, de caráter aplicado e interventivo, envolveu oito crianças com idades entre 11 e 12 anos, atendidas em uma Escola Municipal do município de Cerro Largo, participantes do projeto Estimugame. A intervenção evidenciou que, apesar das dificuldades apresentadas pelos alunos, o jogo favoreceu o engajamento, a motivação e a participação ativa no processo de aprendizagem, indicando potencial contribuição para o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica em contextos educacionais inclusivos.

Palavras-chave: Dislexia; Metodologias lúdicas; Jogo; Crianças; Inclusão.

ABSTRACT

This study is based on the need to develop accessible playful approaches to stimulate phonological awareness in children with dyslexia, considering relevant theoretical contributions on learning and reading, such as those by Castrillon (2013), Condemarin (1986), Dehaene (2012), Petrossi (2004), and Sampaio (2011). The objective was to develop, implement, and analyze the effectiveness of an educational physical game grounded in speech-language pathology principles, aimed at stimulating phonological skills and promoting inclusive and meaningful learning. This applied and intervention-based research involved eight children aged 11 to 12 years, enrolled in a Municipal School in the city of Cerro Largo and participating in the Estimugame project. The intervention showed that, despite the difficulties presented by the students, the game promoted

engagement, motivation, and active participation in the learning process, indicating its potential contribution to the development of phonological awareness skills in inclusive educational contexts.

Keywords: Dyslexia; Playful methodologies; Games; Children; Inclusion.

RESUMEN

El presente estudio parte de la necesidad de desarrollar enfoques lúdicos accesibles para la estimulación de la conciencia fonológica en niños con dislexia, considerando contribuciones teóricas relevantes sobre aprendizaje y lectura, como las de Castrillon (2013), Condemarín (1986), Dehaene (2012), Petrossi (2004) y Sampaio (2011). Tuvo como objetivo desarrollar, aplicar y analizar la eficacia de un juego físico educativo, basado en principios de la fonoaudiología, enfocado al estímulo de las habilidades fonológicas y a la promoción de un aprendizaje inclusivo y significativo. La investigación, de carácter aplicado e intervencionista, involucró a ocho niños entre 11 y 12 años atendidos en una Escuela Municipal del municipio de Cerro Largo, participantes del proyecto EstimugAME. La intervención mostró que, a pesar de las dificultades presentadas por los estudiantes, el juego favoreció el compromiso, la motivación y la participación activa en el proceso de aprendizaje, indicando potencial contribución al desarrollo de las habilidades de conciencia fonológica en contextos educativos inclusivos.

Palabras-clave: Dislexia; Metodologías lúdicas; Juego; Niños; Inclusión.

INTRODUÇÃO

A leitura está profundamente incorporada às nossas rotinas, tornando-se um elemento essencial para atender às múltiplas exigências do mundo atual. Esse hábito se manifesta em diversas situações do cotidiano, desde momentos simples, como ler uma mensagem, até tarefas mais complexas, como interpretar documentos ou textos acadêmicos. Diante disso, vivenciar um transtorno como a dislexia representa um obstáculo significativo, pois vivemos em uma sociedade que exige, constantemente, habilidades de interpretação e compreensão em praticamente todas as esferas da vida. Ler não se resume apenas a obter informações; é, sobretudo, um processo que favorece a comunicação, o aprendizado e a integração social. Para pessoas com dislexia, entretanto, essa experiência pode ser mais desafiadora e, muitas vezes, frustrante, já que a dificuldade em processar sons e decodificar palavras afeta diretamente a maneira como interagem com os diversos conteúdos escritos que fazem parte do dia a dia. Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD, 2016), a dislexia é apontada como um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, identificada pela dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e de soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

Essa realidade evidencia a necessidade urgente de refletir e reformular as práticas

pedagógicas, de modo a torná-las mais inclusivas, dinâmicas e eficazes, levando em consideração a diversidade de perfis, ritmos e necessidades de aprendizagem dos estudantes. Cada aluno aprende de modo único e possui diferentes níveis de acesso e familiaridade com a leitura, o que torna fundamental o uso de estratégias que favoreçam o desenvolvimento da competência leitora de maneira equilibrada e justa. Mais do que oferecer oportunidades iguais, é preciso garantir oportunidades equitativas, adaptadas às demandas individuais, para que todos possam aprimorar suas habilidades de leitura e ter acesso a uma formação de qualidade, democrática e acessível.

Nesse cenário, o papel do professor torna-se extremamente relevante e, ao mesmo tempo, mais desafiador. Cabe a ele elaborar, adaptar e aplicar metodologias que dialoguem com a realidade de cada aluno, especialmente daqueles que apresentam particularidades em seus processos de aprendizagem. Essa tarefa exige constante atualização, criatividade e sensibilidade, para que os recursos e estratégias pedagógicas escolhidos sejam verdadeiramente efetivos. Assim, o trabalho docente se transforma em uma busca contínua por práticas que não apenas apoiem os estudantes em suas dificuldades, mas ainda potencializem suas capacidades, tornando o ambiente de aprendizagem mais inclusivo, acolhedor e significativo para todos.

Nesse sentido, este estudo propõe a criação, aplicação e análise qualitativa de um jogo educativo e inclusivo, com o objetivo de estimular o processo fonológico de crianças diagnosticadas com dislexia. O jogo foi aplicado em um grupo de oito crianças que já são acompanhadas no projeto de pesquisa “EstimuGAME: um *software* educativo como instrumento de auxílio para estimular a leitura em crianças com dislexia”, no qual atuava-se como bolsista. E reconhecendo a importância ética dessa abordagem, especialmente para alunos com dislexia, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado sob o CAAE: 63039222.5.0000.5564.

Nesse íterim, a utilização de recursos lúdicos mostra-se uma estratégia eficiente para potencializar o aprendizado e incentivar a participação dos estudantes, de maneira mais inclusiva e ajustada às necessidades individuais de cada um. Ao integrar atividades interativas, criativas e dinâmicas ao processo educativo, o ambiente escolar torna-se mais atrativo e motivador, proporcionando aos alunos um espaço em que possam aprender de maneira mais espontânea, prazerosa e com menor pressão.

No caso específico de crianças com dislexia, é indispensável planejar práticas pedagógicas que estimulem o desenvolvimento da consciência fonológica, habilidade essencial para a construção da leitura e, conseqüentemente, da escrita. Por meio de jogos que associem som, letra e imagem, é possível explorar, de modo divertido e eficaz, o reconhecimento de letras, sílabas, palavras e até pequenas frases, favorecendo a compreensão das correspondências entre os sons da fala, a escrita e seus significados visuais. Ademais, atividades que envolvem rimas são especialmente úteis, pois ajudam a aguçar a percepção de sons iguais ou semelhantes, fortalecendo a relação entre audição e linguagem. Essas estratégias lúdicas contribuem diretamente para o fortalecimento das conexões cerebrais necessárias ao avanço das crianças com dislexia, possibilitando um progresso gradual, consistente e significativo no desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita.

Desse modo, os avanços alcançados com a pesquisa demonstraram que o uso do jogo possibilitou um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e engajador, favorecendo a associação entre sons, grafias e imagens. Na mesma direção, observou-se maior motivação e participação dos alunos, indicando que ferramentas lúdicas podem potencializar os processos de leitura e escrita e contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes.

Nessa perspectiva, o trabalho, inicialmente, abordará a metodologia utilizada no trabalho. Seguirá trazendo o conceito de dislexia a partir de diferentes autores e como essa condição afeta o processo de aprendizagem. Após isso, será discutido o funcionamento do cérebro disléxico, oferecendo uma visão de como ele processa informações de maneira distinta. Depois, serão explorados o papel do aluno disléxico na sala de aula e os desafios da inclusão escolar, evidenciando a importância de práticas inclusivas para o desenvolvimento educacional desse aluno. O estudo ainda enfatiza a relevância da fonoaudiologia no tratamento da dislexia, destacando como essa área pode contribuir para superar as dificuldades de aprendizagem associadas à condição. Em seguida, serão descritas metodologias lúdicas eficazes para o ensino de crianças com dislexia, com o objetivo de fornecer estratégias que facilitem o aprendizado. Subseqüentemente, será apresentada a elaboração de um jogo, sua aplicação com os alunos disléxicos e a análise dos resultados. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as referências

bibliográficas que embasam toda a fundamentação teórica.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interventiva, fundamentada em pressupostos teórico-metodológicos da fonoaudiologia e da pedagogia inclusiva, com foco no desenvolvimento da consciência fonológica em crianças com dislexia. A opção por essa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender os processos de aprendizagem, as interações e as respostas dos participantes diante da intervenção proposta.

Como instrumento de intervenção, foi desenvolvido e aplicado um jogo físico educativo, denominado baralho fonológico, concebido para promover a associação entre sons, imagens e palavras escritas de forma lúdica e interativa. O jogo foi estruturado com o objetivo de estimular habilidades fonológicas específicas, tais como identificação, segmentação e discriminação de sons, favorecendo o desenvolvimento da leitura em um contexto inclusivo.

A pesquisa envolveu oito crianças com idades entre 11 e 12 anos, diagnosticadas com dislexia e participantes do projeto EstimugAME, vinculadas a uma escola municipal do município de Cerro Largo. A aplicação do jogo ocorreu em sessões previamente organizadas, respeitando o ritmo e as necessidades individuais dos participantes.

A análise dos dados baseou-se na observação sistemática do desempenho das crianças durante as atividades propostas, considerando aspectos como participação, engajamento e estratégias utilizadas. Também, realizou-se uma comparação qualitativa entre leituras orais realizadas em momentos pré e pós-intervenção, possibilitando identificar avanços no desempenho leitor e nas habilidades de consciência fonológica ao longo do processo.

DISLEXIA: SEU CONCEITO E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A APRENDIZAGEM

Para dar início à fundamentação teórica, apresenta-se, a seguir, a definição do transtorno e o impacto que essa condição exerce sobre a aprendizagem. A dislexia pode ser compreendida como uma maneira diferenciada de aprender e de se comunicar, caracterizando-se por um funcionamento singular do cérebro. Esse transtorno não está

relacionado à falta de inteligência ou de potencial, mas, sim, a um modo particular de processar informações, especialmente no que se refere à leitura e à escrita. Nesse sentido, pessoas com dislexia, muitas vezes, demonstram grande criatividade, pensamento inovador e habilidades notáveis em diferentes áreas, mas necessitam de estratégias específicas para assimilar conteúdos e desenvolver suas competências eficazmente, considerando suas necessidades e particularidades de aprendizagem.

Nos últimos anos, tem sido cada vez mais comum o aumento de relatos de dificuldades relacionadas à leitura entre crianças, o que tem motivado pais, responsáveis e educadores a procurar auxílio especializado. Embora a dislexia seja frequentemente considerada como uma possível explicação para esses desafios, é essencial compreender que nem toda dificuldade de leitura está diretamente associada a esse transtorno. Diversos fatores podem influenciar o desenvolvimento da leitura, como questões emocionais, falhas ou lacunas durante o processo de alfabetização, além de problemas visuais ou auditivos que dificultam a assimilação dos conteúdos. Por isso, é fundamental uma avaliação cuidadosa por profissionais como fonoaudiólogos, psicólogos, neurologistas e pediatras, a fim de identificar corretamente a origem da dificuldade e orientar as intervenções adequadas.

Todos os professores do Ensino Fundamental, sejam quais forem seu talento e sua dedicação, deparam-se, um dia, com um desafio: uma criança que parece verdadeiramente diferente das outras, tanto ela parece incapaz de aprender a ler. Pode até ser que sua inteligência seja vivaz, a saber, acima da média nas atividades de matemática ou nas práticas. Mas, quando se trata de ler, isso se torna um incrível peso, ela hesita a cada sílaba, mistura os sons, adivinha sem refletir, desencoraja-se...e desencoraja igualmente os que o cercam (Dehaene, 2012, p. 253-254).

Esse trecho de Dehaene (2012) ilustra com clareza os obstáculos enfrentados no processo de compreensão e decodificação de informações escritas, que podem comprometer significativamente a vida escolar e social de crianças e adultos. Nesse contexto, este trabalho volta-se ao estudo da dislexia, um transtorno específico de aprendizagem que tem sido investigado, tanto em termos de definição quanto na busca por alternativas eficazes para o ensino e a aprendizagem de crianças disléxicas.

No Brasil, as pesquisas sobre dislexia chegaram na década de 80 a partir do empresário Jorge Simeira Jacob, que descobriu um tipo de distúrbio de aprendizagem em seu filho. Nesse contexto, foi para a Inglaterra em busca de conhecimentos e informações

e conheceu a Associação Britânica de Dislexia (BDA), trazendo os conhecimentos adquiridos até o Brasil (São Paulo), onde fundou a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), que se preocupa em reeducar e diagnosticar o distúrbio (Nunes, 2012).

Para compreender melhor o conceito de dislexia, é importante analisar o seu significado. De acordo com Cruz (2007),

Na sua etimologia, a palavra “dislexia” é constituída pelo radical “dis”, que significa distúrbio ou dificuldade, e pelo radical “lexia”, que significa leitura no latim e linguagem no grego, ou seja, o termo dislexia refere-se a distúrbios na leitura ou a distúrbios na linguagem. No entanto, a ideia de que se refere a um distúrbio na leitura parece ser aquela que é mais consensual (Cruz, 2007, p. 205).

A Classificação Internacional de Doenças (CID) reconhece a dislexia, sob o código F81.0, como um transtorno específico de leitura, no qual as modalidades habituais de aprendizado estão alteradas desde as primeiras etapas do desenvolvimento (Massi, 2007). E tal patologia se caracterizaria como:

[...] um comprometimento específico e significativo no desenvolvimento das habilidades da leitura, o qual não é unicamente justificado por idade mental, problemas de acuidade visual ou escolaridade inadequada. A habilidade de compreensão da leitura, o reconhecimento de palavras na leitura, a habilidade de leitura oral e o desempenho de tarefas que requerem leitura podem estar todos afetados. Dificuldades para soletrar estão frequentemente associadas a transtornos específico de leitura e muitas vezes permanecem na adolescência, mesmo depois de que algum progresso na leitura tenha sido feito [...] (Organização Mundial da Saúde, 1993, p. 240).

Em vista disso, pessoas com dislexia podem encontrar obstáculos ao tentar identificar letras e palavras e enfrentar desafios na interpretação e compreensão das informações que são transmitidas.

Nesse mesmo sentido, Sampaio (2011) reforça que a dislexia é um distúrbio na leitura, mas que similarmente afeta a escrita, e que geralmente é identificado a partir da alfabetização, momento em que a criança inicia o processo da leitura. A autora destaca que, quando a criança tenta soletrar letras com muita dificuldade e sem obter sucesso, é quando o problema torna-se evidente.

Dehaene (2012) apresenta que a dislexia é uma dificuldade desproporcional da aprendizagem da leitura. Chamando atenção para o fato de que nem todos os maus leitores são disléxicos, ou seja, é preciso que as crianças sejam encaminhadas e diagnosticadas por profissionais capacitados. Segundo o autor, a maioria das crianças

disléticas, ao ler, sofre distúrbios no tratamento dos fonemas e da consciência fonêmica e parecem sofrer, acima de tudo, de uma representação imperfeita dos fonemas de sua língua, que introduz uma imprecisão na representação das palavras faladas e atrapalha seu emparelhamento com os signos escritos e conseqüentemente a compreensão.

Outra autora que fala sobre dislexia é Condemarim (1986), a qual destaca que a dislexia não é um defeito generalizado na linguagem, mas sim uma deficiência inerente ao sistema de linguagem: o módulo fonológico. A autora chama a atenção para o fato de que esse problema de linguagem representa uma dificuldade em leitura, escrita e soletração, e não diz respeito à capacidade de pensar.

Por sua vez, para Petrossi (2004), a dislexia é um distúrbio genético e neurobiológico de funcionamento do cérebro para todo processamento linguístico relacionado à leitura. O que ocorre são falhas nas conexões cerebrais, isto é, a pessoa dislética tem dificuldade para associar os grafemas ao som que eles representam, não conseguindo organizá-los mentalmente numa seqüência coerente.

Nesse mesmo enfoque, segundo Snowling e Hulme (2013), as dificuldades enfrentadas pelos leitores com comprometimentos na aquisição da consciência fonológica são evidenciadas por diferenças significativas entre essas crianças e aquelas com desenvolvimento típico. Essas diferenças aparecem em avaliações que medem a sensibilidade para identificar rimas, a capacidade de segmentar sons fonêmicos, realizar síntese sonora, entre outras habilidades relacionadas à consciência fonológica. Os autores sugerem que a dislexia pode ser mais bem caracterizada como um transtorno fundamental e abrangente, que afeta a habilidade da criança de decodificar o que está escrito.

Salienta-se que, muitas vezes, as crianças com dislexia são marginalizadas e incompreendidas, pois acabam não tendo um diagnóstico preciso e, com o passar dos anos na escola, essas dificuldades tornam-se evidentes e persistentes. Almeida (2009) destaca o seguinte sobre as dificuldades de aprendizagem,

a criança com dificuldade de aprendizagem possui, no plano educacional, um conjunto de condutas significativamente desviantes com relação à população escolar. De fato, possui sinais difusos de ordem neurológica que podem ser provocados por fatores que incluem índices psicofisiológicos, variações genéticas, irregularidades bioquímicas, doenças, etc., que interferem no desenvolvimento do Sistema Nervoso Central. Além disso, deve-se levar em conta os aspectos emocionais, afetivos, pedagógicos e sociais inadequados que podem, também dificultar a aprendizagem (Almeida, 2009, p. 55).

A autora ressalta que até pequenas alterações em uma palavra podem mudar sua pronúncia e significado para uma criança com dislexia, pois a leitura envolve linguagem escrita, atenção, memória, coordenação motora e formação de imagens mentais. Nesse contexto, fatores isolados ou combinados podem dificultar a compreensão, e essas dificuldades variam de criança para criança, manifestando-se diferentemente. Para aprofundar essa compreensão, o próximo ponto a ser analisado é como o cérebro processa a linguagem e quais fatores neurológicos estão envolvidos na dislexia.

O CÉREBRO DISLÉXICO

A neurolinguística é a área que investiga como o cérebro humano possibilita a linguagem. Esse campo examina os processos envolvidos na compreensão, produção e desenvolvimento da linguagem, buscando entender como as estruturas neurais permitem que as pessoas falem, entendam, leiam e escrevam. Sob esse viés, a neurolinguística se torna um campo de fundamental importância quando falamos em um cérebro disléxico.

Conforme explica Dehaene (2012), às pesquisas de imagem cerebral da dislexia mostram que em pessoas com esse transtorno, ocorre uma subativação na região temporal posterior do lado esquerdo do cérebro. Isso ocorre tanto em adultos quanto em crianças entre 8 e 12 anos que apresentam dificuldades na leitura. O autor ainda ressalta que, nos disléxicos, o córtex frontal inferior esquerdo, conhecido como área de Broca, tende a apresentar uma atividade excessiva durante a leitura ou em outras atividades relacionadas aos sons das palavras (tarefas fonológicas). Em contraste, nos cérebros de indivíduos sem dislexia, o processamento da leitura ocorre de maneira mais distribuída, envolvendo várias áreas tanto no córtex frontal quanto no córtex temporal. Segundo o autor,

Uma anomalia muito precoce no posicionamento das redes neuronais explicaria as perturbações fonológicas observadas nos disléxicos. Ela implicaria as dificuldades desproporcionais da consciência fonêmica e, portanto, da aprendizagem do código alfabético. Essas dificuldades fonológicas, por seu turno, impediriam a região occípito-temporal ventral esquerda, sede da forma visual das palavras, de adquirir sua habilidade (Dehaene, 2012, p. 264).

Desse modo, salienta-se que o cérebro é um órgão plástico e que está sempre em obras, que as anomalias de migrações neuronais, quando existem, não afetam senão

pequenas regiões do córtex. O autor ressalta que o cérebro da criança compreende milhões de circuitos que podem se compensar um ao outro e que, enfim, nossa capacidade de intervenção não é nula: cada aprendizagem nova modifica a expressão de nossos genes e transforma nossos circuitos neuronais (Dehaene, 2012).

Dessa maneira, Massi (2007) ressalta que não há um tratamento específico para a dislexia, pois ela não tem cura. A intervenção deve basear-se em estratégias que busquem favorecer a plasticidade cerebral, com metodologias que estimulem o processo de leitura, respeitando o grau de dificuldade de cada aluno.

Nesse sentido, Almeida (2009) afirma que o cérebro precisa de ginástica, pois, sem isso, por mais rica que seja a herança genética que a pessoa recebeu, nada será feito sozinho. Com isso, é importante ressaltar que tanto os pais quanto os professores não deixem de lado as esperanças, pelo contrário, busquem por tratamentos e auxílios para ajudar essas crianças a ultrapassarem as barreiras das dificuldades e a seguirem no caminho da aprendizagem. Isto posto, após o reconhecimento do funcionamento do cérebro disléxico, o próximo capítulo apresentará os desafios que vão além das dificuldades de leitura e escrita que esse aluno enfrenta diariamente em sala de aula e como a inclusão torna-se essencial.

O ALUNO COM DISLEXIA EM SALA DE AULA E A INCLUSÃO ESCOLAR

Até aqui foram trazidos pontos como a definição de dislexia e como o cérebro de um disléxico funciona. Para dar continuidade, é importante pontuar como esse aluno diagnosticado com esse transtorno se desenvolve em sala de aula, pois crianças com dislexia se veem frente a uma realidade cheia de limitações, principalmente no que concerne às questões de leitura e à inclusão em ambiente escolar. Para mais, alunos com dificuldades de aprendizagem relacionadas à linguagem escrita estão cada vez mais presentes nas instituições de ensino. Por isso, de acordo com o artigo 2º da Lei nº 14.254, de 30 de Novembro de 2021,

Art. 2º As escolas da educação básica das redes pública e privada, com o apoio da família e dos serviços de saúde existentes, devem garantir o cuidado e a proteção ao educando com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem, com vistas ao seu pleno desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, com auxílio das redes de proteção social existentes no território, de natureza governamental ou não governamental. (Brasil, 2021).

Pensando agora no sujeito-aluno-disléxico, este que sofre situações que não se limitam ao fato da própria dificuldade de ler, mas ao preconceito, às humilhações e as dificuldades que atormentam suas vidas no próprio ambiente escolar, a partir de um relato de um disléxico, são buscadas formas de inclusão para essas crianças.

Na infância e na adolescência, eu era chamado de burro; as humilhações, diárias. [...] A luta na escola continuava, e eu sentia que perdia uma batalha após a outra. O desinteresse sempre tomava conta e, por mais uma vez abandonei o ano letivo, para retornar mais tarde no início do outro ano, na esperança de que fosse diferente. Meus amigos de antes já estavam agora bem mais adiantados, alguns deles até próximos do final do Ensino Médio, então o segundo grau. E eu, ainda ali, esperando e torcendo pelos atalhos que não conseguia mais usar. A demanda era maior nesse nível educacional e, com tal pressão, ficava cada vez mais difícil encontrar estratégias para superar obstáculos (Magri Filho, 2011, p. 55,56).

Observa-se que a falta de conhecimento e a inadequada preparação tanto de pais quanto dos professores em relação ao reconhecimento de transtornos de aprendizagem, como a dislexia, podem gerar consequências graves e que podem perdurar para a vida de uma criança. Muitas vezes, por desconhecimento, alunos que enfrentam essas dificuldades acabam sendo chamados com adjetivos negativos, como por exemplo, “burro”, principalmente pelos colegas de sala. Esses rótulos não apenas afetam negativamente o bem-estar emocional dessas crianças, causando sofrimento psicológico, mas criam barreiras que dificultam seu progresso. Essas formas pejorativas impedem que elas superem suas limitações e alcancem o nível de aprendizado que é possível para elas. Nesse sentido, Batista (2017) ressalta que,

O conceito de inclusão defende a ideia de que todas as crianças podem aprender e fazer parte de uma vida escolar e comunitária para que haja oportunidades de construção de conhecimentos. Ocorre que, no momento em que essas crianças com dificuldades de aprendizagem ingressam em um sistema escolar tradicional, frequentemente vivenciam situações de frustração e desapontamentos, o que torna urgente a busca de caminhos que promovam autonomia e favoreçam a integração (Batista, 2017, p. 57).

Nesse contexto, a dislexia não significa pouca inteligência, mas sim a necessidade de uma abordagem diferenciada no processo de aprendizagem, por isso restaurar a confiança das crianças é necessário, valorizando o esforço que fazem e os incentivando. Levando essas questões em consideração, percebe-se que o papel da escola é fundamental, principalmente dentro da sala de aula, para que essas crianças possam

desenvolver atitudes de enfrentamento das dificuldades. A inclusão consiste em alguns princípios como aceitação das diferenças individuais, convivência dentro da diversidade humana, valorização de cada pessoa e aprendizagem através da cooperação.

O sentido da deficiência na vida de uma pessoa é o produto do entrelaçamento de sua história pessoal com o meio social onde vive. Sobre o indivíduo considerado deficiente incidirá o estigma da “incapacidade”, da “invalidez”. Sobre ele recairá o peso da menos valia e da opressão. Existem aqueles que ousam desafiar as leis, ignorando supostas “inaptidões” e mobilizam recursos no sentido de pleitear e tomar posse dos espaços conquistados (Martins, 2003, p. 46).

Desse modo, é importante ressaltar que o professor deve utilizar metodologias que trabalhem o desenvolvimento da consciência fonológica, ativando a criatividade da criança, o treinamento da memória, promovendo uma amenização das dificuldades de leitura e a inclusão dentro da sala de aula. Para isso, é fundamental que o professor esteja sensível às particularidades do aluno com dislexia, buscando formações continuadas e estratégias pedagógicas adaptadas, que valorizem as potencialidades do aluno e proporcionem um ambiente de aprendizagem acolhedor, estimulante e livre de estigmas.

Dessa forma, percebe-se a urgência e a necessidade de que as leis da inclusão escolar existam de fato, não só no papel, mas concretizadas nas práticas de salas de aula. Os professores devem estar preparados para receber alunos disléxicos e incluí-los nas atividades a partir de formas diferentes de ensino (Batista, 2019, p. 116).

Portanto, essas crianças com dislexia precisam de um olhar atento, de estímulos que promovam a autoconfiança para que possam encontrar seus caminhos e seguir com suas vidas de maneira a ultrapassarem seus limites, além de trabalhos lúdicos e criativos, pois, mesmo em um ensino tradicional, é preciso promover a integração e a autonomia das crianças que apresentam algum transtorno, como a dislexia.

Para que os professores possam trabalhar com os alunos disléxicos é necessário que estejam capacitados e tenham conhecimento sobre o distúrbio. O professor precisa saber o que é dislexia, suas causas, assim encaminhar para um diagnóstico de profissionais especializados. A partir disso, o professor poderá trabalhar em sala de aula de maneira mais inclusiva, não permitindo que o aluno com dificuldades se sinta com baixa autoestima, nem menos capaz que os demais colegas (Batista, 2019, p. 116).

Por conseguinte, a parceria entre a educação e os profissionais especializados se torna essencial para garantir que o professor, devidamente capacitado, possa aplicar

estratégias que favoreçam o aprendizado dos alunos disléxicos. Com o suporte adequado, é possível adaptar metodologias de ensino, proporcionando um ambiente mais inclusivo e estimulante. Nesse sentido, Ziesmann (2018) salienta que

Questões sobre a inclusão escolar cada vez mais estão presentes nos discursos e políticas educacionais nesses últimos anos e, em virtude disso, há necessidade da efetivação de ações inclusivas no contexto escolar para atendimento das crianças com dificuldades de aprendizagem e com deficiência (Ziesmann, 2018, p. 53).

Nesse contexto, essa efetivação exige um comprometimento coletivo de gestores, professores e demais profissionais da educação e uma reflexão contínua sobre práticas pedagógicas que favoreçam a participação ativa e o sucesso de todos os estudantes. Nesse sentido, Ziesmann (2018) ressalta que,

é imprescindível que haja uma aproximação entre os profissionais que atuam nessas salas de Atendimento Educacional Especializado e daqueles que atuam no ensino regular, a fim de que aconteçam trocas de saberes e experiências que proporcionem a aprendizagem dos alunos incluídos. É sabido que compete ao professor da sala de aula da escola regular a tarefa de ensinar o conteúdo das áreas do conhecimento e, ao professor do AEE, auxiliar nesse processo de aprendizagem e apreensão de conteúdos de forma complementar e/ou suplementar, com o uso de recursos específicos que propiciem a autonomia e independência na participação de suas atividades (Ziesmann, 2018, p. 57).

A inclusão escolar também requer a colaboração de profissionais da fonoaudiologia, que contribuem para o desenvolvimento das habilidades de comunicação, linguagem e aprendizagem dos alunos com dificuldades específicas. Essa abordagem interdisciplinar fortalece a efetividade das ações inclusivas e promove um ambiente educacional mais acessível e acolhedor. Nesse contexto, o item a seguir trata de como a fonoaudiologia desempenha um papel fundamental ao oferecer estratégias terapêuticas específicas para desenvolver habilidades linguísticas essenciais.

O PAPEL DA FONOAUDIOLOGIA NA INTERVENÇÃO DA DISLEXIA

A atuação da fonoaudiologia no tratamento de crianças com dislexia é essencial para lidar com as dificuldades específicas que esses alunos apresentam na aprendizagem da leitura e da escrita. O trabalho do fonoaudiólogo envolve intervenções terapêuticas direcionadas ao desenvolvimento da consciência fonológica, à melhoria da percepção auditiva e visual e ao fortalecimento das habilidades de processamento da linguagem. Entre as práticas utilizadas estão exercícios de discriminação de sons, jogos de rimas,

segmentação de palavras em fonemas e atividades que reforçam a memória auditiva e a compreensão das regras fonológicas.

Ao utilizar estratégias lúdicas e adaptadas às necessidades individuais, os fonoaudiólogos auxiliam a criança não só a superar os obstáculos na leitura e na escrita, mas, igualmente, a fortalecer sua autoconfiança e a participar plenamente no ambiente escolar. Além disso, a colaboração entre profissionais, educadores e familiares é fundamental para garantir que os avanços obtidos em terapia sejam consolidados no dia a dia, promovendo o desenvolvimento contínuo e integral da criança. Conforme Silva (2009),

Os fonoaudiólogos, por seus conhecimentos e sua formação sobre linguagem e distúrbios de linguagem, estão cada vez mais envolvidos na identificação, na avaliação e no tratamento de indivíduos com distúrbios de leitura. Além disso, sua contribuição ao atender esses indivíduos está sendo pouco a pouco reconhecida por professores, pedagogos e psicólogos, sendo este um esforço de colaboração entre todos os profissionais envolvidos com distúrbios de linguagem (Silva, 2009, p. 01).

Observa-se, portanto, que o trabalho dos fonoaudiólogos torna-se cada vez mais valorizado e essencial no acompanhamento de distúrbios de leitura, como a dislexia. A formação desses profissionais em linguagem possibilita a identificação e avaliação precisas dessas condições e a criação de intervenções eficazes que favorecem o desenvolvimento da consciência fonológica nas crianças.

A atuação interdisciplinar, mencionada anteriormente, evidencia a importância da cooperação entre fonoaudiólogos, professores, pedagogos e psicólogos, constituindo uma rede de apoio capaz de potencializar tanto as estratégias de ensino quanto as terapêuticas. Esse reconhecimento crescente destaca a relevância da fonoaudiologia, reforçando a necessidade de práticas integradas que proporcionem um atendimento mais completo, eficiente e inclusivo para crianças que apresentam dificuldades de linguagem e aprendizagem. Nesse sentido, Silva (2009) destaca que,

Para chegar à descoberta do fonema o aprendiz necessita adquirir e desenvolver a consciência fonológica, uma competência metalinguística que possibilita o acesso consciente ao nível fonológico da fala e à manipulação cognitiva das representações neste nível, que é tanto necessária para a aprendizagem da leitura e da escrita como dela consequente. A criança que começa a ler deve desenvolver a consciência fonológica para aprender o início alfabético, ou seja, a correspondência grafema-fonema. A aprendizagem das regras de correspondência grafema-fonema é considerada a habilidade básica para processar os sons das palavras.

O termo consciência fonológica envolve várias unidades linguísticas e se refere a diferentes níveis de processamento. Podemos segmentar as sentenças em palavras (ex: O - menino - chutou - a - bola), palavras em ataque e rima (ex: pr - ato ou v - ela) ou em sílabas (ex: pra - to ou ga - to), sílabas em

fonemas (ex: /v/ - /a/ - /z/ - /o/. Além disso, há também um contínuo de complexidade de processamento, dependendo da tarefa solicitada. São exemplos de tarefas que avaliam essas competências metalinguísticas: segmentação, exclusão e adição, substituição ou inversão de sílabas ou fonemas em uma determinada palavra (Silva, 2009, p. 04).

Sob esse ângulo, para indivíduos com dislexia, a aquisição da consciência fonológica torna-se mais crucial, pois é uma das habilidades fundamentais para superar as dificuldades de leitura e escrita associadas a essa condição. A dislexia envolve desafios específicos no processamento fonológico, o que dificulta a correspondência entre grafemas e fonemas. No entanto, com intervenções adequadas, como o treino da segmentação de palavras, sílabas e fonemas, é possível ajudar a criança a desenvolver essas competências metalinguísticas gradualmente. As tarefas que envolvem manipulação de fonemas, como substituições, exclusões ou inversões, podem ser adaptadas para atender às necessidades dos disléxicos, proporcionando um ambiente de aprendizagem mais inclusivo. Assim, ao focar no desenvolvimento da consciência fonológica, é possível promover avanços significativos no processo de alfabetização de crianças com dislexia, ajudando-as a melhorar suas habilidades de leitura e escrita e, conseqüentemente, sua autoestima e desempenho acadêmico.

Segundo Seliger *et al.* (2021, p. 28) “o fonoaudiólogo é o profissional habilitado para identificar, diagnosticar e tratar sujeitos com distúrbios da comunicação oral e escrita, voz e audição”. De tal modo, o fazer do fonoaudiólogo engloba o processo de aprendizagem, o percurso de aquisição da leitura e escrita, bem como as dificuldades nesta trajetória.

A partir da relevância do trabalho do fonoaudiólogo e espelhando-se no desenvolvimento de atividades de intervenção voltadas ao auxílio de crianças com dislexia especialmente no estímulo ao processamento da linguagem, ao reconhecimento de sons e ao uso de estratégias lúdicas, como jogos de rima o presente trabalho propõe a criação, aplicação e análise de um jogo inclusivo. O objetivo é contribuir para o desenvolvimento de habilidades fonológicas fundamentais ao processo de alfabetização, oferecendo uma ferramenta que permita uma intervenção terapêutica e inclusão educacional lúdica e eficaz.

Diante disso, o ponto a seguir tratará de abordar a prática fonoaudiológica com ferramentas lúdicas, para buscar criar uma intervenção que seja eficaz no tratamento da dislexia, do mesmo modo, envolvente e adaptada às necessidades dessas crianças,

promovendo um ambiente inclusivo e colaborativo para o aprendiz.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS LÚDICAS NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS DISLÉXICAS

Como visto no item que trata sobre o aluno disléxico em sala de aula, os casos de dislexia estão cada vez mais presentes em ambientes escolares e isso vem sendo um desafio para os profissionais da educação que buscam alternativas lúdicas e inclusivas para serem trabalhadas com as crianças diagnosticadas com dislexia. Conforme Souza, Neto e Freitas (2022)

podemos trabalhar a ludicidade em sala de aula com jogos, brincadeiras, materiais didáticos, vídeos entre outros, porque vão ajudar no desenvolvimento e aprendizado da criança, e para tanto, facilita se os pais e professores andarem juntos. Não existe escola, sem o lúdico. Pois, os pais têm que parar de ter visão contrária às brincadeiras nas escolas, ou seja, a ludicidade é o caminho fundamental para vencer os obstáculos que os alunos com dislexia enfrentam em sala de aula, pois, o seu desenvolvimento depende da escrita e da leitura (Souza; Neto; Freitas, 2022, p. 08).

Contra-pondo-se à ideia de que o aluno não aprende porque não quer, Castrillon (2013) salienta que muitos educadores percebem que o fracasso estaria na estrutura institucional das escolas, causados pelo conservadorismo e ou até mesmo pelo despreparo humano e material de algumas instituições.

Nesse caminho, Abreu (2012) ressalta que

a escola que conhecemos, sobretudo a de caráter mais tradicional, não foi feita para o aluno disléxico. O seu teor essencialmente formal com objetivos, conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação, nada tem a ver com ele. Não é por acaso que muitos portadores de dislexia não sobrevivem à Escola e são por ela preteridos. Os que conseguem resistir e concluir estudos fazem-no, astuciosa e corajosamente, por meio de artifícios/estratégias, que lhes permitem driblar o tempo, os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças dos professores, as humilhações sofridas e, sobretudo, as notas (Abreu, 2012, p. 63).

Vale destacar que o uso do lúdico em sala de aula é um recurso essencial para potencializar a aprendizagem infantil, pois permite que a criança assimile os conteúdos de maneira mais envolvente e prazerosa. Ao transformar o estudo em uma experiência interativa, o lúdico torna o processo mais leve e favorece a concentração e a motivação, estimulando o desenvolvimento cognitivo e social de forma natural e eficaz.

Nessa ótica, Castrillon (2013) ressalta que o trabalho de intervenção deve focar em dificuldades específicas. O educador responsável pode acompanhar e observar o desempenho de cada aprendiz e como ele responde aos desafios instrucionais

desempenhados a ele. O trabalho com jogos educativos para crianças com dislexia, deve partir de diagnóstico de cada criança, levantamento de dados para daí se pensar nas atividades de intervenção, bem como tempo de jogo e nível das tarefas.

A autora salienta que as atividades podem ser individuais ou em pequenos grupos de 5 alunos no máximo, de acordo com a natureza e o grau dos déficits identificados por meio de diagnóstico e sondagens. Acrescenta que os jogos para os disléxicos devem estimular a prática de competências básicas, baseadas na repetição, reconhecimento de sons, rimas, palavras, frases e sílabas (Castrillon, 2013). No caso deste trabalho, foram oito crianças (sendo divididas em duplas para os atendimentos), que já participavam do projeto de pesquisa “EstimuGAME: um *software* educativo como instrumento de auxílio para estimular a leitura em crianças com dislexia”.

Levando em consideração essa proposta metodológica foi elaborado um jogo como instrumento de auxílio para estimular a leitura de estudantes diagnosticados com dislexia. O jogo denominado baralho fonológico visa auxiliar crianças disléxicas no desenvolvimento da consciência fonológica, uma habilidade fundamental para a leitura e escrita. O jogo utiliza cartas ilustradas para facilitar a associação entre sons e significados, tornando o aprendizado mais lúdico e acessível. Os alunos recebem cartas com palavras e, ao ouvirem um som específico do mediador, devem identificar e descartar as cartas que começam com esse som. O objetivo é fortalecer a conexão entre os sons da fala (fonemas) e as letras que os representam, para desenvolver habilidades de consciência fonológica em crianças diagnosticadas com dislexia de modo divertido e lúdico.

Diante disso, entende-se que trabalhar o lúdico em sala de aula oferece aos professores uma janela para compreender melhor a percepção do mundo pelos alunos com dislexia, proporcionando-lhes uma visão mais empática e inclusiva. Quando os educadores utilizam jogos e atividades lúdicas, eles criam um ambiente que permite às crianças explorar suas próprias habilidades e superar desafios, promovendo o aprendizado de uma maneira prazerosa e instigante, como enfatiza Batista (2017),

O certo é que existem maneiras de superar os problemas e amenizar as dificuldades apresentadas, avançando na compreensão das bases neurais da leitura em crianças disléxicas, auxiliando-as de forma efetiva no processo de aprendizagem, promovendo um espaço para que ela possa “sentir” as letras, reconhecendo grafemas, morfemas e sons, estimulando as habilidades fonológicas e consequentemente de compreensão, minimizando o impacto da dislexia em suas vidas (Batista, 2017, p. 61).

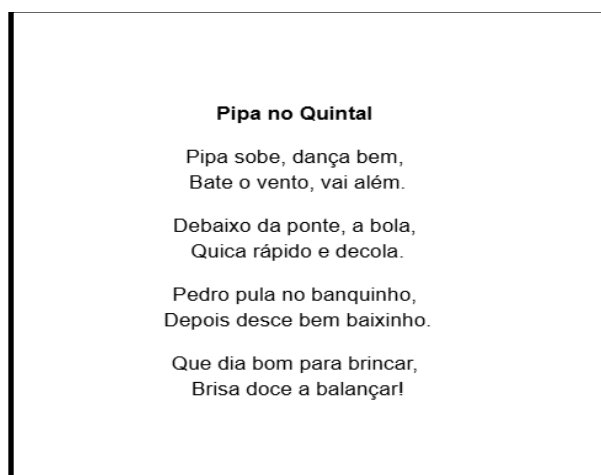
A inclusão desses elementos no ensino, portanto, valoriza a criatividade e fortalece a autoestima dos alunos, pois eles conseguem, ao mesmo tempo, aprender e se divertir. Isso ajuda a lidar de maneira mais leve com as dificuldades associadas à dislexia, favorecendo um desenvolvimento mais equilibrado e integrador, onde se sintam valorizados e acolhidos. Desse modo, os dois próximos pontos a serem apresentados contarão com a elaboração, aplicação e a análise dos resultados do jogo baralho fonológico.

PROCESSO DO JOGO: DESENVOLVIMENTO, EXECUÇÃO E RESULTADOS

Conforme discutido no capítulo anterior, a utilização de atividades lúdicas mostra-se uma estratégia eficaz para aumentar o engajamento dos alunos, facilitar a assimilação dos conteúdos e promover o desenvolvimento de habilidades linguísticas de maneira mais natural e motivadora. Partindo desses princípios, este capítulo descreve o processo de criação de um jogo educativo especialmente projetado para atender às necessidades de crianças com dislexia, com foco no estímulo da consciência fonológica. O objetivo é trabalhar a leitura, a associação entre os sons dos fonemas, a escrita e a representação visual por meio de imagens, tudo de forma dinâmica e inclusiva.

O primeiro passo consistiu na seleção de um material que servisse de base para a leitura e para a elaboração do jogo. Para isso, buscou-se um texto que apresentasse frequentemente as letras p, b, q e d, considerando que esses fonemas seriam o foco central da atividade. Diante dessa demanda específica, optou-se por solicitar o auxílio da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT, que, a partir das orientações fornecidas, criou um poema inédito intitulado "Pipa no Quintal", contendo diversas palavras com os fonemas desejados. Esse poema foi então utilizado como referência para a elaboração do material do jogo.

Figura 1 - Ficha de Leitura



Fonte: ChatGPT.

A partir disso, foi desenvolvido o jogo “Baralho Fonológico”, um jogo físico pensado para que as crianças tenham acesso com mais facilidade ao material, promovendo uma aprendizagem mais concreta e interativa. Os materiais utilizados para a aplicação do jogo consistiam em 20 cartas contendo as palavras: Doce, dança, decola, dia, desce, pula, pipa, Pedro, rápido, ponte, quica, quintal, brincar, bem, brisa, balançar, sobe, bola, baixinho e banquinho que eram ilustradas (a partir do texto escolhido para leitura), que visavam facilitar a associação entre som e significado. Algumas das palavras continham o som inicial, ou seja, a letra em correspondência ao som do fonema estava no início e outras palavras continham o som medial, ou seja, a letra em correspondência ao som do fonema poderia estar no meio do termo. Além disso, o jogo contava com 4 cartas de som, representando os fonemas /p/, /q/, /b/ e /d/, que eram chamados pela mediadora durante a atividade. O jogo contava, ainda, com 4 cartas surpresa (sendo duas delas repetidas) destinadas aos alunos. Foi necessário um espaço na mesa na sala de AEE, para que os alunos se organizassem e deixassem as cartas durante a dinâmica, garantindo a fluidez do jogo.

Figura 2 - Baralho Fonológico



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A proposta do jogo foi elaborada a partir da observação e descrição dos transtornos apresentados pelos participantes, já durante a leitura oral dos textos no projeto de pesquisa. Essa análise prévia possibilitou que as tarefas do baralho fonológico fossem planejadas de modo a atender às principais necessidades das crianças, promovendo um aprendizado mais direcionado e eficaz.

Portanto, a análise ocorreu com um grupo de 08 (oito) alunos, com idades entre 11 (onze) e 12 (doze) anos, da rede municipal de Cerro Largo, diagnosticados com dislexia e como já dito anteriormente, que fazem parte do projeto de pesquisa “EstimuGAME: um software educativo como instrumento de auxílio para estimular a leitura em crianças com dislexia”. Os encontros aconteciam uma vez por semana, na qual a terça-feira de manhã era destinada aos trabalhos com os alunos na sala do Atendimento Educacional Especializado da escola, totalizando 7 (sete) rodadas jogadas.

A prática foi dividida em três momentos: Inicialmente foi o da pré-leitura, na qual, a partir do texto “Pipa no Quintal”, foram arroladas as maiores dificuldades das crianças. A leitura realizada pelos participantes foi gravada individualmente e anonimamente, a fim de que o material ficasse disponível para análise e levantamento dos dados necessários.

Na sequência, foi a aplicação do jogo “Baralho Fonológico” com os oito alunos na sala de AEE da escola, espaço em que dois alunos eram atendidos para jogarem e cada criança recebia um conjunto de 10 cartas contendo a palavra escrita e ilustrada (cabe destacar que não eram palavras aleatórias, mas palavras contidas no texto de leitura - Pipa no Quintal), além de 2 cartas com desafios surpresa, como "Encontre uma palavra que rime

com um dos termos que você recebeu. Se acertar, jogue a carta" e "Selecione uma das palavras que você recebeu e construa uma frase com ela. Se conseguir, jogue a carta". A mediadora anunciava um som específico em ordem aleatória, como /p/, /q/, /b/ ou /d/ e os alunos analisavam suas cartas para identificar aquelas que começam com o som indicado ou que continham esse som na parte medial da palavra. As cartas correspondentes eram então jogadas no centro da mesa. O jogo continuava até que um dos participantes conseguisse descartar todas as suas cartas.

Cada dupla participou de 7 rodadas do jogo, distribuídas ao longo dos encontros, sendo possível realizar mais de uma rodada por sessão. Essa organização de jogar mais de uma vez por encontro teve como objetivo proporcionar maior tempo de exposição ao conteúdo fonológico, favorecendo a repetição e a fixação dos sons trabalhados. Buscou-se, ainda, propiciar a associação entre som, imagem e palavra. Adicionalmente, ao aumentar a frequência das rodadas, buscou-se manter o engajamento das crianças e estimular o aprendizado, de maneira lúdica e contínua.

Figura 3 - Aplicação do jogo



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

E o terceiro momento foi a aplicação do pós-teste, em que o mesmo texto apresentado no pré-teste (Pipa no Quintal) foi mais uma vez lido pelos participantes. A coleta de dados foi feita novamente anonimamente via áudio, permitindo uma análise concreta da utilização do jogo baralho fonológico em relação à leitura dos alunos e possibilitando a identificação das dificuldades e melhorias apresentadas ao longo do processo.

RESULTADOS

Após a realização das atividades de pré-teste, da aplicação do jogo e do pós-teste, foi possível observar resultados significativos na evolução dos participantes. Na comparação entre os dados do pré-teste e do pós-teste, todos os oito participantes identificados como A, B, C, D, E, F, G e H apresentaram progresso na fluência leitora, passando de uma leitura predominantemente silábica para uma leitura mais contínua e fluida. Essa melhora ficou evidente tanto na cadência quanto na segurança durante a decodificação das palavras.

No que diz respeito às trocas fonêmicas, verificou-se uma redução considerável entre os participantes B, D, E, F, G e H, embora alguns ainda apresentassem substituições pontuais. Por outro lado, os participantes A e C continuaram apresentando maior frequência de trocas fonêmicas, indicando que podem necessitar de intervenções mais prolongadas ou direcionadas para aprimorar essa habilidade.

Durante a aplicação do jogo Baralho Fonológico, todos os participantes mostraram facilidade em relacionar os sons dos fonemas anunciados com as palavras presentes nas cartas, evidenciando avanços na percepção e discriminação auditiva. No que se refere à formulação de frases, os participantes B, E e F já demonstraram domínio dessa habilidade nas primeiras rodadas, enquanto A, C, D, G e H apresentaram progresso gradual ao longo das sessões, desenvolvendo maior autonomia na construção de enunciados coerentes e estruturados.

Com relação à produção de rimas, a maioria dos participantes apresentou dificuldades iniciais e um avanço mais lento em comparação ao observado na formulação de frases. Os participantes B, E e G conseguiram produzir rimas de modo mais consistente desde as primeiras rodadas, evidenciando maior sensibilidade à estrutura sonora das palavras. Já A, C, D e F evoluíram de maneira mais discreta, conseguindo elaborar algumas rimas nas rodadas intermediárias ou finais. O participante H manteve dificuldades significativas na produção de rimas ao longo de toda a intervenção, sem evolução expressiva nessa competência.

A partir da análise dos resultados, foi possível identificar padrões recorrentes de dificuldade, especialmente relacionados à produção de rimas, à formulação de frases e às trocas fonêmicas. Apesar das diferenças individuais, observou-se, em geral, uma evolução

significativa entre os momentos de pré e pós-teste, indicando avanços na leitura e na consciência fonológica. Esses resultados sugerem que o Baralho Fonológico se mostrou uma ferramenta eficaz para estimular a consciência fonológica em crianças com dislexia. A combinação de elementos lúdicos, visuais e sonoros contribuiu para o desenvolvimento da percepção auditiva, da correspondência entre sons e imagens e do reconhecimento de palavras, promovendo um progresso perceptível na leitura e na ampliação do vocabulário. Em acréscimo, o engajamento demonstrado pelos participantes evidencia o caráter motivador e prazeroso da atividade, tornando o jogo uma prática pedagógica significativa e relevante para o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Contudo, diante dos resultados, fica evidente que, em casos de dislexia mais graves, especialmente aqueles que apresentam persistência de trocas fonêmicas, dificuldades na produção de rimas ou alterações visuais na leitura, é imprescindível o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar. O acompanhamento de um fonoaudiólogo desempenha papel central nesses casos, pois possui instrumentos técnicos para avaliação detalhada da consciência fonológica, percepção e discriminação auditiva e memória fonológica, além de intervir diretamente nos déficits observados. A atuação conjunta com psicopedagogos, neuropsicólogos e professores especializados potencializa os efeitos da intervenção, garantindo que o processo de alfabetização ocorra de modo mais eficaz e adequadamente ao ritmo e às necessidades individuais de cada criança. A articulação entre a escola e os profissionais da saúde amplia as chances de sucesso escolar para alunos com dislexia, especialmente aqueles com quadros mais complexos que demandam estratégias de intervenção intensivas e personalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal desenvolver, aplicar e analisar a eficácia de um jogo pedagógico com enfoque fonoaudiológico, o “Baralho Fonológico”, como ferramenta de apoio à aprendizagem da leitura em crianças diagnosticadas com dislexia. A partir da fundamentação teórica sobre a dislexia, o funcionamento do cérebro disléxico, a importância da fonoaudiologia, a inclusão escolar e o uso de metodologias lúdicas, foi possível construir um jogo que respeita as especificidades desse público e promove a aprendizagem mais significativa e prazerosa. Nessa perspectiva, o processo de

elaboração do jogo foi cuidadosamente pensado a partir das dificuldades fonológicas mais recorrentes já apresentadas e observadas entre as crianças atendidas no projeto de pesquisa “EstimuGAME: um *software* educativo como instrumento de auxílio para estimular a leitura em crianças com dislexia”, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). A escolha das palavras, dos fonemas e das imagens teve como base uma análise criteriosa, com o intuito de promover a associação entre som, imagem e palavra escrita, favorecendo o desenvolvimento da consciência fonológica.

Os resultados obtidos após a aplicação do Baralho Fonológico com os oito participantes evidenciaram avanços significativos na leitura, especialmente em relação à fluência e à redução de trocas fonêmicas. A proposta do jogo mostrou-se eficaz no aspecto linguístico e se consolidou como estratégia de motivação, engajamento e fortalecimento da autoestima das crianças envolvidas. Cada participante respondeu de maneira única à intervenção, o que reafirma a importância de estratégias educacionais personalizadas, capazes de contemplar a diversidade cognitiva presente no ambiente escolar. De mais a mais, o estudo conjunto entre áreas como letras e fonoaudiologia demonstrou ser fundamental para uma abordagem interdisciplinar mais eficaz no atendimento de alunos com dislexia.

Pode-se concluir, então, que o Baralho Fonológico representa uma contribuição relevante para a prática pedagógica inclusiva, podendo ser adaptado a diferentes contextos escolares e realidades. Espera-se que este trabalho inspire outros educadores e profissionais da saúde a desenvolverem metodologias lúdicas e acessíveis, voltadas ao enfrentamento das barreiras que a dislexia impõe, sempre com respeito, sensibilidade e compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

ABD-ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <<http://dislexia.org.br/v1/index.php/health-living-c/140-como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula>> Acesso em: 23 dez. 2025.

ABREU, Sónia Isabel Alves. **Dislexia, aprender a aprender**. Dissertação de mestrado – Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/2933/Tese%20Dislexia%20-%20Aprender%20a%20Aprender%20->

[%20%20S%C3%B3nia%20Abreu%20Doc%20Fina.pdf?sequence=1](#)> Acesso em: 23 dez. 2025.

ALMEIDA, Norma Martins de. **Aprendizagem:** normal e prejudicada. São Paulo: Santos Editora, 2009.

BATISTA, Jeize de Fátima. **O software como ferramenta de ensino:** estimulando a leitura de crianças e jovens diagnosticados com dislexia / Jeize de Fátima Batista - 2017.151 f; 30 cm. Tese (Doutorado em Letras) – Centro Universitário Ritter Dos Reis, Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2017.

BRASIL. **Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021.** Dispõe sobre a identificação precoce de dislexia, do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e de outros transtornos de aprendizagem. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 1 dez. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm. Acesso em: 23 dez. 2025.

CASTRILLON, Luciana Maria Teixeira. Problemas de aprendizagem, soluções de aprendizagem: respostas instrucionais para as necessidades de cada aprendiz. In: ALVES, Luciana; MOUSINHO, Renata; CAPELLINI, Simone. Org(s). **Dislexia:** novos temas, novas perspectivas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. p.371-404.

CONDEMARIN, Mabel (org). **Maturidade Escolar:** manual de avaliação e desenvolvimento das funções básicas para a aprendizagem escolar. Enelivros. 1986.

CRUZ, Vitor. **Uma abordagem Cognitiva da Leitura.** Lisboa: Lidel, 2007.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura:** como a ciência explica nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

MAGRI FILHO, Hélio. **Sou Dislético... e daí?** São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2011.

MARTINS, J. **A educação especial no contexto socioeconômico brasileiro.** Curitiba: Ibpex, 2003.

MASSI, Giselle. **A dislexia em questão.** São Paulo: Plexus Editora, 2007.

NUNES, Daniella Carla dos Santos. **Superando a dislexia:** um estudo de caso de uma dislética no município de porto velho. TCC – ULBRA – Porto Velho, 2012. Disponível em: <http://www.ulbra.br/portovelho/wp-content/uploads/2012/07/TCC-IIDANIELLA-CARLA-PDF.pdf>> Acesso em: 23 dez. 2025.

OPENAI. **ChatGPT.** [Ferramenta de inteligência artificial]. 2025. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 23 dez. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (coord). **Classificação de Transtornos mentais e de comportamentos da CID 10:** descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PETROSSI, Eduardo. O que é Dislexia. **Revista Superinteressante**. Edição 207, dezembro de 2004. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/o-que-edislexia>> Acesso em: 23 dez. 2025.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem: a Psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

SELIGER, Alessandra; DOMINGUES, Ana Carolina Oliveira Mello; COSTA, Anália Maria de Fatima; GAEDICKE, Isis Aline Lourenço de Souza. **Concepções e práticas fonoaudiológicas na dislexia do desenvolvimento: reflexões dos últimos 12 anos**. Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v. 5, p. 27-51, 1. Sem. 2021. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>. Acesso em: 23 dez. 2025.

SILVA, Sther Soares Lopes da. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 26, n. 81, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000300014. Acesso em: 23 dez. 2025.

SNOWLING, Margaret J. HULME, Charles. **A ciência da leitura**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOUZA, Ana Caroline Moura Bezerra; NETO, Eudo Nogueira de Lima; FREITAS, Thiago Henrique Alves de Freitas. **A importância da ludicidade para dislexia na educação infantil**. Recife, 2022.

ZIESMANN, Cleusa Inês; BATISTA, Jeize de Fátima; LEPKE, Sonize. (Orgs.) **Formação humana, práticas pedagógicas e educação inclusiva**. Cleusa Inês Ziesmann/ Jeize de Fátima Batista/ Sonize Lepke (Orgs.) - Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p.109-125.

ZIESMANN, Cleusa Inês. **Inclusão, Experiências e Práticas pedagógicas: o atendimento Educacional Especializado na Educação Básica na perspectiva de Vygotsky** - 2018. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

NOTA SOBRE A AUTORIA

As quatro autoras participaram da pesquisa desde a aplicação do jogo/baralho fonológico até a escrita do artigo.

REVISÃO DO ARTIGO

O texto passou por revisão de linguagem e normas antes da submissão, sob responsabilidade das próprias autoras.

NOTA SOBRE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Durante o processo de produção deste artigo, especificamente na etapa de criação de um poema inédito intitulado "Pipa no Quintal", contendo diversas palavras com os fonemas desejados, foi utilizado o ChatGPT. O referido poema foi então utilizado como referência para a elaboração do material do jogo. Após a utilização da ferramenta, os autores revisaram e editaram a apresentação dos resultados, sendo inteiramente responsáveis

pelo conteúdo aqui apresentado.

Recebido em: 23/12/2025
Parecer em: 17/02/2026
Aprovado em: 21/03/2026